

ESTUDANTES SURDOS E OS CONFLITOS RELACIONAIS NO PROCESSO EDUCACIONAL

Polliana Barboza da Silva¹

Universidade Federal da Paraíba / E-mail: pollianabarboza@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho buscou analisar os conflitos relacionais existentes no processo educacional dos estudantes surdos no ensino superior, mais precisamente no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Esta pesquisa quanto à natureza foi qualitativo-descritiva e quanto à tipologia se apresentou como estudo de caso. O campo da pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, mais precisamente o curso de graduação em Pedagogia por ter estudantes surdos. A técnica utilizada foi a entrevista com três estudantes surdos/as. Os achados deste estudo revelaram que os estudantes surdos/as enfrentam conflitos no processo educacional, estes se encontram relacionados à falha na comunicação da maioria dos professores para com esses estudantes, o desconhecimento e a não utilização da Libras por parte da maioria dos professores, a falta da utilização de estratégias de ensino também se apresenta como fator agravante. Existe a desvalorização da cultura surda, em detrimento da cultura ouvinte e a comunicação entre ouvintes e surdos se encontra fragmentada. Os estudantes surdos dizem conhecer a proposta da inclusão, mas dizem também sofrer com as práticas de exclusão.

Palavras-chave: Conflitos Relacionais, Estudantes surdos, Processo Educacional.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como proposta a abordagem sobre os conflitos relacionais enfrentados pelos surdos no processo educacional no viés dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, entendendo a surdez no contexto da cultura e da educação de surdos, como proposta de considerar as particularidades linguísticas, as diferenças e a identidade.

O campo dos Estudos Culturais nos instiga a pensar numa descolonização do conceito de cultura, não como algo que é pensado como sendo melhor, sofisticado, mas como modos de vida e produções dos artefatos culturais. Neste contexto, os Estudos Culturais compõem um novo campo de conhecimentos, apresentando o cruzamento de fronteiras, problemas, hibridização de diversas e diferentes questões e temáticas, um campo contingencial e de incertezas, questionando e contestando a cultura hegemônica (Costa, 2011).

Os surdos são pessoas que ao longo de suas vidas desenvolveram estratégias visuais-gestuais para se comunicar e expressar. Na perspectiva dos EC os surdos não são vistos como

¹ Mestra em Educação; Especialista em AEE; Graduada em Pedagogia; Professora de AEE e Supervisora Escolar.

deficientes e sim como pessoas que fazem parte de um grupo, possuindo língua, identidade e cultura.

Os conflitos acontecem no cotidiano dos surdos, de forma mais específica no processo educacional, foco deste estudo, estes permeiam as relações em sala de aula. Nesta direção, compreendo os conflitos relacionais, como sendo as estratégias de relação social e uma divergência de posturas, mas buscando manter a continuidade da relação.

Compreendo também que o processo educacional se refere à escolarização, considerando os aspectos teóricos e práticos: métodos de ensino, estratégias, processo de aprendizagem, avaliação, língua, entre outros, sendo determinado pelos fatores sociais, políticos e pedagógicos.

Além das categorias **surdo e conflitos** algumas outras categorias dos EC se fazem presentes neste trabalho com a finalidade de ajudar a pensar a educação de surdos e os conflitos existentes no processo educacional. Apresento-as a seguir:

- A **Língua** que dar suporte a linguagem para criar, simbolizar e fazer sentido, sendo um processo permanente de interação social, um instrumento de comunicação, representação e pensamento, sendo um conjunto organizado de elementos (sons, gestos, sinais). No caso dos estudantes surdos, a Libras é considerada a primeira língua (L1).
- A **Identidade** que é construída socialmente, na relação do eu com o outro, se referindo às dimensões culturais e sociais.
- A **Diferença** que faz referência à particularidade; Baseia-se em representações e significações que geram práticas e atitudes sociais.
- A **Subjetividade** que é composta pelos nossos sentimentos, processos psíquicos mais particulares.
- A **Cultura** que são os modos de viver (ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e relações de poder); As formas como a sociedade dão sentido e organizam suas experiências em comuns; As produções de artefatos culturais, como por exemplo, textos, mercadorias, etc. (COSTA, 2011).

O objeto de estudo é os Conflitos Relacionais no Processo Educacional dos estudantes surdos, mais precisamente no curso de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior privada.

O estudo desenvolvido traz contribuições para a educação de surdos na perspectiva dos Estudos Culturais, buscando a problematização e a reflexão sobre os conflitos existentes no processo educacional dos estudantes surdos.

Parte-se do pressuposto de que os estudantes surdos enfrentam conflitos no processo educacional no ensino superior, mais precisamente na graduação (modelo inclusivo). São problemas relacionados à língua, à leitura, à escrita, à cultura e às relações interpessoais. Como os estudantes, em sua maioria, são ouvintes, a cultura escolar predominante é a ouvinte, ficando os estudantes surdos à mercê, esquecidos, sem ter a sua cultura valorizada e respeitada neste processo.

Neste sentido, parece que os conflitos vão surgindo no entorno deste grupo, dentro da escola e da instituição de ensino superior, devido à ausência de um trabalho que seja associado à valorização da heterogeneidade dos grupos, à falta de investimentos no campo da educação, na formação dos professores no tocante a contemplar o processo educacional dos estudantes surdos, a desconsideração da Língua Brasileira de Sinais – Libras e da diferença surda. Parece ainda que os problemas de comunicações podem acontecer entre estudantes surdos e professores/as, dificultando a relação entre os/as mesmos/as devido à incompreensão da Libras.

As estratégias não direcionadas aos estudantes surdos se tornam também fatores agravantes de conflitos relacionais no processo educacional. Assim, argumento é que a escola carece de conhecimentos e habilidades para resolver conflitos relacionais referentes ao processo educacional dos estudantes surdos. Considerando esses conflitos, buscaremos responder a seguinte questão: Como se dão os conflitos relacionais no processo educacional dos estudantes surdos, no ensino superior, mais precisamente no curso de licenciatura em pedagogia, segundo estes estudantes?

Para dar sustento à problemática e à questão de pesquisa apresento o objetivo deste trabalho: analisar os conflitos relacionais existentes no processo educacional dos estudantes surdos no ensino superior, mais precisamente no curso de licenciatura em pedagogia, com base nas narrativas dos estudantes surdos.

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativo-descritiva, pois houve a aproximação do cotidiano dos sujeitos, buscando descrever detalhadamente o objeto de pesquisa, de acordo com o contexto encontrado nas narrativas dos estudantes surdos. A técnica utilizada foi à entrevista com três estudantes surdos. O curso escolhido foi o de Licenciatura em Pedagogia por haver estudantes surdos e o campo da pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada.

OS CONFLITOS RELACIONAIS NO PROCESSO EDUCACIONAL DOS ESTUDANTES SURDOS

A história das pessoas surdas é marcada por movimentos de resistência e práticas hegemônicas ouvintistas. De acordo com Witkoski (2009, p.565) há nessa história evidências das marcas que identificam o surdo “como um ser incompleto, incapaz, deficiente. A partir dessa concepção de surdez, todo tipo de violência física e simbólica foi exercida, passando por extermínio, reclusão em casa, proibição do uso da língua de sinais”.

Nesta direção, por muito tempo a filosofia oralista esteve presente no processo educacional do surdo. Assim sendo, compreendo o processo educacional como algo referente à escolarização, envolvendo além do ensinar e aprender, a língua, identidade, subjetividade, diferença e cultura.

O processo educacional considera também os elementos teóricos e práticos: como estratégias de ensino, avaliação da aprendizagem, o processo de ensino e aprendizagem, sendo ancorados pelos fatores sociais, políticos e pedagógicos.

O processo educacional dos estudantes surdos em sua história trouxe o domínio do oralismo. Este, por sua vez, objetivava a reabilitação do surdo ao mundo ouvinte, impondo a língua oral como norma e a surdez como algo que pudesse ser curado por meio de incentivos das práticas de oralização. Esta prática perdurou, dominando o mundo até os anos de 1960, quando ocorreu a publicação do livro sobre língua de sinais pelos norte americanos. A partir deste acontecimento muitas pesquisas surgiram sobre a língua de sinais e muitos professores estavam insatisfeitos com o oralismo, deu-se início a comunicação total com a utilização do livro sobre língua de sinais.

Segundo Goldfeld (2001, p.35),

A filosofia da Comunicação Total tem como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes. Essa filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais, não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da língua oral. Por esse motivo, esta filosofia defende a utilização de recursos espaciais-visuais como facilitadores da comunicação.

Nos anos de 1980 a filosofia bilíngue se torna forte, propondo o ensino de Libras como L1 e a Língua Portuguesa como L2 para o Surdo.

Assim, os conflitos estiveram presentes na vida das pessoas surdas desde os primórdios. Entendo os conflitos como sendo situações que se originam ao compartilharmos ambientes, tarefas, regras e contextos que envolvem poder. Sendo assim, o espaço escolar é um desses ambientes em que o conflito emerge necessitando ser mediado. De acordo com Gonçalves e Andrade (2015, p.14) é necessário se ter na mediação de conflitos:

o reconhecimento do sofrimento das vítimas, cujo empoderamento é tomado como condição para superação do problema; a responsabilização dos autores da agressão, evidenciando os valores morais dos quais a escola abre mão; e o desenvolvimento da empatia para os espectadores, inserindo-os, ativamente, na superação do problema.

Nesta direção, os conflitos relacionais em sala de aula deixam os professores com sentimentos de medo e de desespero, pois muitos não sabem como mediar.

Estudos apontam conflitos existentes no processo educacional dos estudantes surdos no ensino superior, estes são referentes ao fracasso das práticas pedagógicas em sala de aula devido a desvalorização da diferença surda, o desconhecimento da Libras, por parte dos professores ouvintes, a não utilização de estratégias de ensino que favoreçam a aprendizagem do Surdo.

Neste contexto, o processo educacional se encontra voltado para uma comunicação predominantemente ouvinte (cultura hegemônica) pelo fato da maioria dos estudantes serem ouvintes, havendo assim o conflito na relação e comunicação entre professores ouvintes e estudantes surdos. É necessário destacar a imagem do professor de surdos como “diretamente envolvida no processo educacional dos estudantes, é imprescindível que seus conhecimentos acerca da surdez sejam legítimos, para que assim ele possa favorecer a aprendizagem desses alunos, dinamizando cognitivamente cada um deles” (SANTIAGO; PEREIRA, 2015, p.55).

Outro fator a ser observado é o aspecto relacionado à escrita do surdo, esta gera incompreensões por parte dos professores que não conhecem a Libras. Deste modo, “essas diferenças linguísticas tendem a ser avaliadas como erro” (SOUZA; SOUZA, 2012, p.6). Neste contexto, não há a valorização da língua do surdo, o que acaba por dificultar a sua entrada em programas e seleções que necessitem de conteúdo escrito.

A violência simbólica se refere à existência de uma cultura superior e outra inferior. Segundo Gonçalves e Andrade (2015, p.15) “a violência simbólica tornou-se, a partir da pesquisa de Bourdieu e Passeron, uma categoria de análise das discriminações promovidas pela própria instituição de ensino, por meio de uma lógica de exclusões e hierarquizações útil para a seleção social”. Deste modo, as pessoas surdas sofreram e sofrem violência simbólica

em detrimento da opressão causada pela cultura hegemônica ouvintista, quando se busca impor aos surdos características que são das pessoas ouvintes, como a fala e um processo educacional puramente oralizado.

Nesta perspectiva é possível uma instituição de ensino superior que esteja atenta aos conflitos, sendo necessário mediá-los para que estes não cheguem à categoria de violência, pois os conflitos sempre irão existir no ambiente acadêmico e escolar, sendo necessária a realização da mediação.

METODOLOGIA

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativo-descritiva, segundo Stake (2011, p.66) “a pesquisa qualitativa se baseia muito nas percepções interpretativas feitas durante todo o planejamento, a coleta de dados, a análise e a elaboração do texto do estudo” e a pesquisa descritiva, de acordo com Gil (2008, p.28), “... têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Quanto à tipologia se apresentou como estudo de caso, que de acordo com Yin (2010, p.24) “permite que os pesquisadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real”.

Os dados aqui analisados e discutidos foram coletados através da entrevista com três estudantes surdos (identificados pelos códigos ES1, ES2 e ES3²). O campo de pesquisa foi uma instituição de ensino superior privada, localizada em Pernambuco. O curso escolhido foi o de Pedagogia por conter estudantes surdos.

Segundo Richardson (2015, p.207) a entrevista “permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida”. Foi construído o roteiro da entrevista, sendo realizada previamente, uma entrevista a fim de testar a compreensão das perguntas. Os conteúdos das entrevistas foram transcritos, a fim de não perder dados relevantes, em seguida analisados.

Para analisar os dados foi utilizada a análise de conteúdo. Na perspectiva de Bardin (2009, p.27) esta análise “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, sendo marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Assim sendo, buscou-se descrever, interpretar e compreender os conjuntos dos textos através de procedimentos sistemáticos.

² ES1 – Estudante surdo 1; ES2 – Estudante surdo 2; ES3 – Estudante surdo 3.

A seguir apresento as narrativas dos estudantes surdos, evidenciando as descrições, análises e discussões, referentes aos conflitos existentes no processo educacional dos estudantes surdos. O conteúdo das entrevistas de ES1, ES2 e ES3 foram organizados em quadros.

Início a apresentação do quadro 1 que contém os resultados referentes a “Alguns dados dos entrevistados”.

Quadro 1 : Alguns dados dos entrevistados

		ES1	ES2	ES3
Alguns dados dos entrevistados	Iniciando a vida acadêmica	“Primeiro, eu não conhecia o curso de pedagogia.” “Primeiro eu vim junto com mamãe conhecer a faculdade.”	“Amo estudar e sou calma.” “Gosto das pessoas educadas que me auxiliam.” “Tem alguns alunos que me perguntam se eu sou calma.” “Gosto dessa interação porque é normal começar na inclusão.” “Não tive muita ajuda de ninguém, saí lutando por intérprete.”	“Bem, antes no ano de 2011 eu comecei a estudar no curso de pedagogia, eu senti vontade.”
	Motivos para a escolha do curso	“Eu sinto a necessidade de ensinar as crianças para o desenvolvimento delas.”	“Eu escolhi o curso de pedagogia para ensinar as crianças.”	“... eu amo criança.” “... gosto de ensiná-las e é importante.”
	Idade em que aprendeu a Libras	“Eu aprendi Libras com 10 anos.” “comecei a frequentar um grupo de surdos onde lá comecei a observá-los e comecei a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais.”	“Eu aprendi aqui na cidade e já tinha 20 anos mais ou menos.”	“comecei a frequentar o Centro de Formação de Libras para crianças e adultos. Eu vim reconhecer a Libras aos 2 anos de idade.”

Fonte: Entrevistas 2015

Analisando os dados a partir do quadro acima é possível perceber o interesse e o desejo dos estudantes surdos entrevistados em ingressar na universidade, como também a luta para se conseguir um interprete de Libras. A motivação pela escolha do Curso “Pedagogia” se deu por unanimidade pela necessidade e vontade de ensinar crianças e a aprendizagem da Libras, por parte dos surdos, se deu em diferentes momentos e idades.

Percebe-se a luta dos estudantes surdos em aprender Libras, o apoio da família e da escola é primordial para o desenvolvimento da aprendizagem desses estudantes, principalmente com relação à aprendizagem da língua.

Pensando na língua de sinais, Santiago e Pereira (2015, p.58) nos apresenta que é necessária a sua utilização “como primeira língua do surdo, em todos os ambientes escolares, não transferindo ao intérprete a responsabilidade exclusiva na comunicação dos surdos”. Deste modo, a aprendizagem da língua de sinais pelos surdos logo cedo é necessária e o compromisso da escola com esta língua precisa acontecer.

Relação/Comunicação

Na sequência apresento o quadro com os resultados sobre a Relação/Comunicação, de acordo com as narrativas dos estudantes surdos.

Quadro 2: Relação/Comunicação

		ES1	ES2	ES3
Relação/ Comunicação	Com os professores	“Bom, eu consigo me comunicar com ele, mas quando a comunicação dele vem até a mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, ai sim a comunicação acontece.”	“Através de gestos, às vezes Libras ou então mostro as atividades a eles.” “Através de gestos, de bilhetes, com a ajuda do intérprete.”	“Eu sempre senti vergonha de chegar perto, de fazer perguntas, sempre chamo o intérprete.” “Por gestos, pela escrita e até mesmo com o suporte do intérprete.”
	Dos professores	“O professor começa a falar, eu não entendo nada, pergunto o que ele está falando não estou entendendo. Espera! Eu digo chama o intérprete é lei, eu preciso para compreensão certa.” “Aqui na faculdade o professor ensina, eu não entendo, eu o chamo, ele explica e o intérprete traduz. Também faz perguntas a mim, e eu respondo quando sei.” “Agora tem professor que percebo não gosta de interação, parece orgulhoso, então fico na minha, não interajo, uso sempre o intérprete.”	“Através de gestos, às vezes Libras.”	“se ele ficar falando, falando eu surda não vou entender nada. Por isso é importante o intérprete.”
		“Aqui no curso de pedagogia os alunos só vivem falando sempre, quando querem perguntar ou saber de algo chamam o	“A relação com os meus colegas é tranquila, tenho amigos na sala de aula.”	“A relação é tranquila.”



	Com os colegas ouvintes	intérprete, o intérprete colhe as informações e repassa e vice-versa.” “Quando quero me comunicar com eles também uso o intérprete como suporte dessa comunicação.”		
	Com o interprete	“Eu e o intérprete nós temos um relacionamento bom, eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações.” “Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais.” “Eu também o ajudo quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo.”	“Boa, ótima.”	“Ótima.” “Eu pergunto muito a ele, é importante porque ele faz a intermediação do professor para nós.”

Fonte: Entrevistas 2015

Os surdos descrevem que há uma barreira na relação e comunicação com os professores, sendo necessário recorrer sempre ao interprete de Libras ou utilizar estratégias para se comunicar como os gestos e escritos. Um dos surdos expressa timidez ao precisar se comunicar com os professores. Estes dados apontam para conflitos existentes na relação e comunicação dos professores ouvintes com os estudantes surdos em razão do não conhecimento da Libras por parte dos professores, o que coloca em evidencia uma cultura hegemônica ouvintista.

Esse achado vai de encontro ao que afirma Santiago e Pereira (2015, p.55) quando afirmam que a imagem do professor de estudantes surdos precisa estar “diretamente envolvida no processo educacional dos estudantes, é imprescindível que seus conhecimentos acerca da surdez sejam legítimos, para que assim ele possa favorecer a aprendizagem desses alunos, dinamizando cognitivamente cada um deles”. Deste modo, o processo educacional dos surdos estará indo bem se existe uma boa relação e uma comunicação sem falhas entre professores ouvintes e estudantes surdos num ambiente que proporcione a aprendizagem e a participação efetiva destes estudantes.

Envolvimento

O quadro 3 apresenta os resultados referentes ao envolvimento dos estudantes surdos nas aulas e nos trabalhos em grupo.

Quadro 3: Envolvimento

		ES1	ES2	ES3
Envolvimento	Nas aulas	“Eu sempre venho à faculdade, participo fazendo as atividades, também bastante slides.”	“Eu sempre participo fazendo as atividades, fazendo slides.”	“Às vezes sim, às vezes não. Procuro o intérprete, às vezes ele não está. O professor não sabe se comunicar.”
	Nos trabalhos em grupos	“Bem, quando há divisão de trabalho eu fico só, não chamo ninguém, logo em seguida os próprios ouvintes começam a se aproximar, então se formam os grupos.” “gosto de organizar o grupo, fazer slides, mostrar sugestões, perguntar se está certo, o português.”	“Reunimo-nos em grupo. Para me comunicar nos grupos faço uso de gestos, mas ainda não há uma evolução com a comunicação em relação a Libras, é difícil.”	“Os grupos de ouvintes são formados” “mas não me sinto a vontade de está lá, eles só falam e eu não entendo.” “Então o intérprete vem me explicar” “então dou opinião e ele repassa para o grupo.”

Fonte: Entrevistas 2015

Analisando os resultados acima é visível que há lacunas referentes ao envolvimento dos surdos nas aulas e nos trabalhos em grupos. Dois dos estudantes (ES1 e ES2) afirmam participar fazendo slides e um estudante (ES3) afirma que o professor não sabe se comunicar, o que o faz depender bastante do interprete. Com os colegas ouvintes ainda não há uma comunicação com a Libras, porém outras tentativas de comunicação são feitas e o interprete se encontra como o suporte desta comunicação. Mais uma vez identificamos nas falas de ES1, ES2 e ES3 conflitos relacionais no processo educacional, ocorrendo a falta de compreensão, de interação e comunicação por meio da Libras, estudantes ouvintes e professores ouvintes parecem não conhecer a Libras.

Estes resultados nos faz pensar e refletir no que ressalta Dorziat (2015, p. 359) “é tão importante proporcionar ambientes educacionais que não se restrinjam à comunicação surdo-intérprete de Língua de Sinais, mas que dê uma oportunidade de uma comunicação fluente, viva e natural, entre os colegas, o professor e os demais componentes da comunidade escolar”. Assim se poderia enxergar o surdo e perceber a sua diferença, identidade, cultura e como eles aprendem.

Conflitos Relacionais

A seguir apresento o quadro 4 referente aos Conflitos Relacionais.

Quadro 5: Conflitos Relacionais

Conflitos relacionais	Em sala de aula	ES1	ES2	ES3
		“Bom, eu percebo que precisa mais comunicação entre os alunos e professores, precisa ser mais firme, falta organização para melhorar.”	“Eu penso que em sala de aula é difícil, precisa ter paciência.”	“Eu gosto mais de salas especiais em questão do aprendizado.”

Fonte: Entrevistas 2015

Os estudantes surdos afirmam que os conflitos relacionais em sala de aula no modelo inclusivo acontecem pela falha na comunicação, a falta de organização das aulas para que eles possam se sentir num ambiente acolhedor e de aprendizagem. Um dos estudantes, afirmando que prefere as salas especiais reforça o sentimento de que a exclusão está presente. A educação para as pessoas surdas necessita de uma proposta que contemple a língua de sinais no processo educacional, envolvendo os aspectos individuais dos surdos e a cultura surda.

De acordo com Dorziat (2015, p. 359) “a língua de sinais é fundamental para o estabelecimento da Cultura Surda, porque a língua constitui nossa pátria”. Neste sentido, o processo educacional dos estudantes surdos precisa enfatizar a Língua de Sinais como L1 para esses estudantes, trazendo sentido para a vida de cada um deles.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados apresentados foi possível perceber indícios de conflitos relacionais no processo educacional dos estudantes surdos. Neste contexto, o problema na relação e comunicação apareceu na maioria das falas, estes problemas são ocasionados pelo desconhecimento da Libras por parte dos professores e colegas ouvintes.

A violência Simbólica também foi percebida, em detrimento da cultura ouvinte predominar sobre a cultura surda. Portanto, não há ainda a consideração da diferença surda.

As narrativas dos estudantes surdos revelaram que é preciso um engajamento acerca da compreensão e valorização da Cultura Surda.

Por fim, apesar dos avanços obtidos através de pesquisas realizadas no âmbito da educação de surdos, é preciso ressaltar que é necessário haver o rompimento das concepções cristalizadas de surdez que ignora a cultura surda e subestima as capacidades do surdo. Deste modo, o processo educacional do estudante surdo precisa estar pautado na ideia da diferença,

respeitando assim as formas como aprendem, enfatizando a sua cultura, identidade, subjetividade e língua.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2006.

COSTA, M.V. Estudos Culturais e Educação – Um panorama. In: SILVEIRA, R.M.H. (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais da educação**. 2 ed. Canoas: Editora ULBRA, 2011. p.107-120.

DORZIAT, A. **Educação de surdos em tempos de inclusão**. **Revista Educação Especial**. Santa Maria - RS, v. 28, n.52, p.351-364, maio/ago, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14361> Acesso em: 03 jun 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: atlas, 2008.

GOLDFELD, M. **A criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

GONÇALVES, C.C.; ANDRADE, F.C.B. **Violências e Bullyng na escola: análise e prevenção**. Curitiba: CRV, 2015.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SANTIAGO, S.A.S.; PEREIRA, D. W.Q. A especificidade do trabalho pedagógico com alunos surdos. In: _____ (org). **Problematisando a inclusão do estudante surdo: da educação infantil ao ensino superior**. João Pessoa: CCTA, 2015.

STAKE, Robert. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SOUZA, V. A.; SOUZA, V.A. **As contribuições dos Estudos Culturais nos Estudos Surdos e as implicações para repensar a educação das pessoas surdas**. V Seminário Nacional de Educação Especial e VI Encontro de Pesquisadores em Educação Especial e Inclusão Escolar, UFMG. Disponível em: http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminarior/trabalhos/290_2_2.pdf Acesso em: 10 maio 2018.

WITKOSKI, S.A. **Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a12.pdf> Acesso em: 27 maio 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de caso, planejamento e métodos**. 4ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.